

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, segunda quinzena de junho de 1997 - ano I, nº 5.

boletim

Liberdade e pecado em *Perversas famílias*

João Vianney Cavalcanti Nuto

Perversas famílias - Luiz Antonio de Assis Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, 404 pp.



A trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, é um exemplo, antológico na literatura brasileira, do *romanfleuve* ou romance de saga, aquele romance caudaloso que focaliza várias gerações de uma família e, recontando fatos históricos, cumpre a antiga função épica de rememoração. *Perversas famílias*, nono romance de Luiz Antonio de Assis Brasil e primeiro da série *Um castelo no pampa*, retoma e enriquece a tradição do romance de saga.

Perversas famílias abrange quatro gerações da família de Olímpio (ou, simplesmente, Doutor), cuja ascensão política e econômica culmina com a construção de um castelo medieval em pleno pampa gaúcho, visto por aquele membro da elite "esclarecida e progressista" como um símbolo da Liberdade (palavra favorita do Doutor) no meio da "Monarquia decrépita". Mas um castelo de estilo medieval ... com toda a nobreza dos castelos europeus, só que deslocado para a rústica província gaúcha e produto de uma fortuna iniciada na lida do charqueamento de carne... Ironicamente, o castelo simboliza a falta de identidade cultural de uma classe social que aspira ao progresso e à ascensão, mas que não consegue se desvincular da imagem do colonizador como modelo. Progredir no império é assemelhar-se ao que a Europa tem de mais tradicional. Por isto é que o fazendeiro João Felício (pai do Doutor) decide construir o castelo: para igualar-se à esposa educada na Suíça, conhecida como a Genebrina. Ainda preso à sua origem popular (quase se pode dizer "indígena"), João Felício é literalmente esmagado por uma pedra que encerra sua canhestra tentativa de "nobilização".



Quem consegue tornar-se um nobre senhor feudal é Olímpio, o filho de João Felício, que é bacharel e

conhecedor refinado da cultura européia, incluindo as mais revolucionárias doutrinas filosóficas e políticas. Enfim, o Doutor é um jovem "preparado", um jovem "de visão", cuja nobreza de espírito (a "verdadeira nobreza"), manifesta na abolição dos seus escravos e nos ideais de Liberdade, é complementada pela posse do castelo e pelo casamento com uma condessa austríaca.

Alegoria da Liberdade, o castelo, assim como o livro do Doutor sobre a Revolução dos Farrapos, é parte de um projeto particular de heroicização épica. Mas, ao contrário de uma epopéia, o romance *Perversas famílias* permite a sátira, contrapondo a Liberdade ao Pecado oculto por trás da fachada do castelo: "a Liberdade precisa conviver com o pecado, são indispensáveis", diz o fantasma de Olímpio, com a sabedoria dos mortos. O pecado se revela nos aspectos mais escusos da nobre família do Doutor: alcoolismo, suicídio, uma suspeita de assassinato, intrigas, rejeição, esnobismo, tudo isto devidamente regido pela opressão e desprezo de



Olímpio, o Libertador. Mas a noção de pecado em *Perversas famílias* não se restringe ao maniqueísmo cristão. Pecado é toda força transgressora da ordem épica instituída por Olímpio. E, neste caso, o maior pecado é a paixão amorosa como a de D. Plácida (mãe do Doutor, viúva de João Felício) que não gostava de epopéias: "- As epopéias não têm sentimentos (...) As personagens são frias, com uma pedra no peito. Vivem apenas para dizerem frases mitológicas. (...) Epopéias tem sabor de morte e mármore". O pecado de D. Plácida é manter um caso amoroso e gerar um filho ilegítimo. O mesmo pecado é repetido por Selene, a filha do Doutor, que ousa casar-se com um "plebeu", contra a aprovação da família. Como, "a coitada da avó", Selene, personagem associado à Lua, não se enquadra naquele mundo de luta pela terra e pelo poder. Sua liberdade é

(continua)

PERVERSAS FAMÍLIAS

Liberdade e pecado

(continuação)

a do Pecado: liberdade lírico-erótica, despida dos traços épicos da Liberdade social do Doutor.

Habilmente o autor tece o contraponto entre Liberdade e Pecado através de variados recursos narrativos. Contrariando a forma mais comum do romance de saga, *Perversas famílias* foge da estrutura linear, apresentando avanços e recuos no tempo e alternando focos narrativos, nos quais liberdade e pecado se imbricam. No pólo da Liberdade, a narrativa se identifica mais com o romance de saga, utilizando a terceira para dar uma visão panorâmica dos conflitos familiares, econômicos e políticos, através de personagens planos. O pecado, como sempre oculto e negado, é gradativamente revelado por narrativas intimistas, nas quais narradores-personagens, não



apenas narram os atos, mas expressam os desejos. Assim, o narrador revela gradativamente a paixão "imoral" de D. Plácida, através de um discurso em que a própria personagem é o interlocutor: "(...) tu, Genebrina, te afogas nos sentimentos caudalosos do platino professor Félix del Arroyo." A paixão, o alheamento e o abandono de Selene são expressos pela própria personagem, assim como os estranhamentos do seu filho Páris, o herdeiro pseudo-órfão e mal tolerado pela família que, tentando desvendar sua verdadeira origem, vai testemunhando a Liberdade e o Pecado do qual é fruto. Esta estrutura narrativa evita que o romance se concentre exclusivamente na figura do Doutor, dando profundidade a personagens que, nos trechos em terceira pessoa, tenderiam a permanecer planos, além de gerar um polifonia que contrapõe visões masculinas e femininas.

O romance *Perversas famílias* peca por um algumas alegorias excessivamente óbvias, como os nomes mitológicos dos personagens e a cena em que Selene se despe diante do pai para expressar sua liberdade, mas se enriquece pelo virtuosismo narrativo com que mistura a visão panorâmica do romance de saga com a introspecção do romance psicológico sem perder a fluência do texto nem o interesse do leitor.

João Vianney Cavalcanti Nuto é professor de Teoria Literária da Universidade de Brasília.

Sexta, dia 27 de junho

Ópera dos mortos, de Autran Dourado

O importante romance do escritor mineiro é o tema da próxima reunião do GT.

Sexta, 27 de junho, às 16 hs., na sala B1-242 (ICC Centro).

COMPAREÇA!

Obra para o encontro seguinte:

11/7 - *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll

LANÇAMENTOS

Antonio Torres e Sant'Anna

⇒ *O cachorro e o lobo* - Antonio Torres. Rio de Janeiro: Record, 220 pp.

O baiano Torres volta ao tema e às personagens de sua obra mais importante, o romance *Essa terra* (1976). O narrador anônimo regressa à cidadezinha interiorana, que trocara por São Paulo no fim do livro anterior, para visitar o pai. E encontra, como era de se esperar, um ambiente mudado, marcado pelas antenas parabólicas e pelo silêncio.

⇒ *Um crime delicado* - Sérgio Sant'Anna. S. Paulo: Cia. das Letras, 132 pp.

O novo romance do escritor carioca, narra, em formato quase tradicional, uma história de amor e crime envolvendo um crítico teatral, uma jovem manca e um artista plástico. Um Sant'Anna "quadrado" demais para os admiradores de sua obra.

TRECHO DE POEMA

Além da imaginação

Ulisses Tavares

Tem gente passando fome.
E não é a fome que você imagina
entre uma refeição e outra.
Tem gente sentindo frio.
E não é o frio que você imagina
entre o chuva e a toalha.
Tem gente muito doente.
E não é a doença que você imagina
entre a receita e a aspirina.
[...]

Fonte: Glauco Mattoso, *O que é poesia marginal*. S. Paulo: Brasiliense, 1981.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br